



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

O ativismo feminista das mulheres artistas do Yuyachkani: uma conversa com Ana Correa

Entrevista com Ana Correa
Concedida a Stela Fischer e Lúcia Helena Martins

Para citar esta entrevista:

CORREA, Ana. O ativismo feminista das mulheres artistas do Yuyachkani: uma conversa com Ana Correa. [Entrevista concedida a] Stela Fischer e Lúcia Helena Martins. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 52, set. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573103522024e0501

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



O ativismo feminista das mulheres artistas do Yuyachkani: uma conversa com Ana Correa

Entrevista com Ana Correa¹
Concedida a Stela Fischer² e Lúcia Helena Martins³

Resumo

Mulheres artistas do Grupo Cultural Yuyachkani do Peru têm se interessado pelas práticas cênicas desenvolvidas no ativismo feminista. Entrevistamos a atriz Ana Correa que nos contou sobre as ações de intervenção social em diferentes comunidades e coletivos de mulheres no Peru, de práticas artístico-pedagógicas de resgate de memória, de luta pelos direitos das mulheres e meninas que reivindicam por justiça contra às violências hegemônicas e patriarcais.

Palavras-chave: Ana Correa. Ativismo feminista. Yuyachkani.

The feminist activism of women artists at Yuyachkani: a conversation with Ana Correa

Abstract

Women artists from the Yuyachkani Cultural Group of Peru have been interested in the scenic practices developed in feminist activism. We interviewed actress Ana Correa who told us about social intervention actions in different communities and collectives of women in Peru, about artistic-pedagogical practices to rescue memory, about the fight for the rights of women and girls who demand justice against hegemonic violence and patriarchal.

Keywords: Ana Correa. Feminist activism. Yuyachkani.




El activismo feminista de las mujeres artistas en Yuyachkani: una conversación con Ana Correa




Resumen

Mujeres artistas del Grupo Cultural Yuyachkani de Perú se han interesado por las prácticas escénicas desarrolladas en el activismo feminista. Entrevistamos a la actriz Ana Correa quien nos habló de acciones de intervención social en diferentes comunidades y colectivos de mujeres del Perú, de prácticas artístico-pedagógicas para rescatar la memoria, de la lucha por los derechos de las mujeres y niñas que exigen justicia contra la violencia hegemónica y patriarcal.

Palabras clave: Ana Correa. Ativismo feminista. Yuyachkani.

¹ Mestre em Antropologia Visual/Pontifícia Universidade Católica do Peru. Recebeu a medalha “Palavra de Mulher 2013”, e o prêmio “Personalidade Meritória da Cultura Peruana”, pelo Ministério da Cultura do Peru, em 2012. Entre seus trabalhos solo, destaca-se *Rosa Cuchillo* (2001), com direção de Miguel Rubio, apresentada em várias cidades e festivais pelo mundo. Também dirigiu jovens atores do Centro de Experimentação Cênica CEXES -Yuyachkani. Desde 2000 organiza oficinas de cura *Hampiq Warmi* (mulheres curandeiras), dirigidas às mulheres vítimas de violência familiar e sexual e organiza intervenções artísticas feministas em espaços públicos. É integrante do Projeto Magdalena e organiza *os Encuentros de Mujeres Creadoras y Performeras* com as atrizes do Yuyachkani. Organizadora do *Warmikuna Raymi*, encontro Teatro-Mulher-Cura, em Cusco, assunto que abordaremos nesta entrevista. Atriz, diretora e integrante do Grupo Cultural Yuyachkani desde 1978.

² Pós-doutorado em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo. Mestrado em Artes da Cena na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduação em Artes Cênicas – Interpretação na Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Profa. no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto. Editora-chefe da revista *O Mosaico* (UNESPAR – FAP).  fischer.stela@outlook.com
 <http://lattes.cnpq.br/2582613400358249>  <https://orcid.org/0000-0002-6140-7563>

³ Doutorado em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Mestrado em Teoria Literária/Dramaturgia pela UNIANDRADE. Especialização em Literatura Dramática e Teatro pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional pela UTFPR. Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Profa. do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Performer, artista professora-artista, pesquisadora e diretora teatral.  lucia.martins@unespar.edu.br
 <http://lattes.cnpq.br/9863662519118764>  <https://orcid.org/0000-0003-2985-3018>



Desmontar e carnavalizar

O ativismo entrelaça arte e política e possui várias táticas de ação, desde denúncias em manifestações e atos, marchas, intervenções urbanas, performances artísticas, lambes, ações tecnopolíticas em espaços virtuais, *hashtags* etc., até a criação de modos de fazeres artísticos democráticos e horizontalizados, com a intenção de provocar reflexões e subversões no *status quo*. O ativismo realiza denúncia política, mas, também, instaura resgate das histórias invisibilizadas, espaços de curas simbólicas e autocuidado, combinando linguagem artística, consciência política, trocas de afetos, reflexão e emancipação (Martins, 2022). Neste contexto, alguns trabalhos que o peruano Grupo Cultural Yuyachkani⁴ vem desenvolvendo nos últimos anos dialogam com as estratégias poéticas e políticas dos ativismos, pois realizam atividades artísticas, pedagógicas, de expressão e intervenção social que fortalecem e acolhem as pautas dos movimentos sociais, que:

[...] ultrapassa a palavra e a literalidade como únicas possibilidades de enunciado, propondo novos desenhos para as retinas da memória. A teatralidade emoldura o relato e garante o tratamento não cotidiano, ao se oferecer como via potente nas ações comunitárias cujos participantes podem arranjar a vida em gestos simbólicos e submeter seus relatos a operações poéticas. Nestes espaços pedagógicos, o grupo convida os próprios afetados pelos massacres coloniais a lançarem sua voz, a colocarem o corpo em jogo, a elaborar simbolicamente processos de luto e de emudecimento (Marko, 2023, p. 206).

Admiramos e acompanhamos o trabalho do Yuyachkani há tempos. Tivemos alguns encontros com o grupo - Lúcia no 11 *Laboratorio Abierto - Encontro Pedagógico com Yuyachkani* (Peru, 2019) e membro participante dos grupos de Tai Chi Chuan, ministrado por Ana Correa durante a pandemia (2020-2021) e Círculo de Energia de arte e autocuidado (2022); e Stela nos “encuentros” promovidos pelo Hemispheric Institute of Performance and Politics⁵ (São Paulo, 2013; Montreal, 2014;

⁴ O coletivo teatral criado em 1971, tem importante atuação em toda América Latina. O grupo tem se dedicado à prática da criação coletiva, da corporificação da memória política, particularmente em relação às questões sobre etnicidade, violência social no Peru. É formado por Augusto Casafranca, Amiel Cayo, Ana Correa, Débora Correa, Rebecca Ralli, Teresa Ralli e Julián Vargas, Miguel Rubio e o colaborador Fidel Melquiades. O Yuyachkani ganhou o Prêmio Nacional de Direitos Humanos do Peru, em 2000, entre outros. Mais informações, disponível em: <https://yuyachkani.org/>. Acesso em: jul. 2024.

⁵ “A cada dois anos, o Instituto Hemisférico organiza um Encuentro – parte conferência acadêmica, parte



Chile, 2016) e com as mulheres artistas do Yuyachkani nos encontros do Magdalena Project⁶ em diferentes países da Abya Yala (Brasil, 2012; México, 2013; Chile, 2016; Buenos Aires, 2018).

Considerando as diversas ações artivistas realizadas por Yuyachkani nos seus mais de 50 anos de atuação, temos um especial interesse, pelo trabalho desenvolvido por Ana Correa com diferentes coletivos de mulheres no Peru, de práticas artístico-pedagógicas de resgate de memória, de luta pelos direitos das mulheres e reivindicação por justiça contra às violências hegemônicas e patriarcais. Até mesmo porque este é um dos pilares de nossas pesquisas e práticas artístico-ativistas que utilizam a “teatralidad y la performatividad para abordar escenarios sociales y para hacer visibles los dispositivos representacionales comprometidos por el poder, pero también apropiados por la sociedad civil para desmontarlo y carnavalizarlo” (Diéguez, 2023, p. 136).

Assim surgiu a ideia dessa entrevista. Realizamos de forma *online*, no dia 05 de junho de 2024, com a duração de mais de 2h de conversa com Ana Correa. Atriz, diretora, ativista feminista e de direitos humanos, membro do Grupo Cultural Yuyachkani desde 1978. Mestre em Antropologia Visual (PUC/Peru), professora de atuação, formação vocal e corporal, teatro e sociedade. Foi nomeada Personalidade Meritória da Cultura, título concedido pelo Ministério da Cultura do Peru, em 2012. É integrante do Magdalena Project, a partir do qual promove no Peru o *Encuentro de Mujeres Creadoras y Performeras*. Nesta entrevista, Ana Correa, na sua generosidade sem tamanho, nos contou sobre suas principais ações artivistas históricas que resultaram no que hoje se tornaram as intervenções de cunho feministas com intervenções em diferentes atos, marchas e ações políticas, em especial no contexto sociopolítico do seu país, tanto na capital como em cidades, vilas e comunidades andinas.

festival de performance – em um local diferente nas Américas. Promovendo a experimentação, o diálogo e a colaboração, cada Encuentro reúne aproximadamente quinhentos acadêmicos, artistas, ativistas e estudantes que participam de um programa de dez dias de palestras, grupos de trabalho, performances, instalações, discussões em estilo mesa redonda, exposições de artes visuais, mostras de vídeo e oficinas práticas de performance.” Disponível em: <http://archive.hemisphericinstitute.org/hemi/pt/encontro>. Acesso: jul. 2024.

⁶ Criado em 1986, pelas atrizes Jill Greenhalgh (Cardiff Theatre Laboratory) e Julia Varley (Odin Teatret), o Magdalena Project tornou-se uma rede internacional de mulheres de teatro que vem sendo disseminada por suas participantes em diferentes países.

Ana Correa nos concedeu um relato de memórias com significados artísticos e políticos, carregado pela experiência de quem empreende uma luta constante para a manutenção da cultura e cosmovisão andinas, dos oprimidos, dos artistas e, principalmente, das mulheres. Uma fala xamânica que nos encantou nas camadas mais sutis do que é ser uma artista-ativista política que busca “descobriu o poder de sua arte como um lugar de cura” (Fischer, 2023, p. 253). O pacto de uma mulher-artista na sua maturidade que se compromete a usar o seu tempo e arte para a luta contra o patriarcado colonial.

A seguir, editamos os trechos principais de sua fala, aqui nesta entrevista colocados em primeira pessoa para tornar essa conversa mais próxima, algo que é dito “entre amigas”, ou melhor, “entre hermanas”.

Figura 1 – Ana Correa, em *Rosa Cutillo*, em San Cristóbal e las Casas, Chiapas, México, 2013 – Foto: Stela Fischer





A conversa

Stela - Querida Ana, gostaríamos de conversar sobre as ações de ativismo feminista com comunidades de mulheres no Peru, realizadas paralela e concomitantemente ao trabalho do Yuyachkani. Como surgem?

Ana Correa - Vou falar sobre o meu trabalho de ativismo e artista. O Yuyachkani acolhe e abraça, mas não é um trabalho específico e exclusivo do grupo. As quatro atrizes do Yuyachkani⁷ começaram a trabalhar juntas na oferta de oficinas sobre teatro e mulheres na época do Conflito Armado no Peru⁸, com oficinas que inicialmente chamamos de *Talleres de Autoestima*⁹ e, na continuidade, decidimos chamar de “oficinas de fortalecimento”. Até aqui, estávamos trabalhando as quatro atrizes juntas. Depois, apenas eu comecei no trabalho de ativismo com o grupo que se chama CEXES - Centro de Experimentación Escénicas¹⁰, em 1992. Aqui o objetivo era trabalhar com atores e atrizes jovens em diálogo com a realidade social no nosso país. O Yuyachkani nos concedia o espaço para trabalharmos. E eu trabalhava junto com Miguel Melquiades - também membro do grupo - que ajudou a definir o trabalho dessas ações cênicas. Não chamávamos de ativismos nem ativismos, e sim de ações cênicas, como uma escritura no espaço aberto ou de rua que se nutre das diferentes artes cênicas, dança, performance para estabelecer diferentes níveis de dramaturgia, espetáculo, atuação. As ações cênicas não estão no centro e sim às margens, nos limites dos gêneros teatrais. A partir dessa definição, começamos a

⁷ São: Ana Correa, Débora Correa, Tereza Ralli e Rebeca Ralli.

⁸ O chamado Conflito Armado Interno é o período da história peruana que começou em 1980, com a declaração de guerra ao Estado do movimento terrorista Sendero Luminoso. Caracterizou-se por uma reação militar dos governos, violenta estatal que teve contornos de terrorismo de Estado, especialmente após a captura do líder senderista Abimael Guzmán, em 1992, durante o governo Fujimori. Culminou em 2000 com a fuga deste presidente ao Japão, de onde era cidadão, e a sua renúncia via fax. Calcula-se em torno de 23 mil vítimas entre pessoas mortas e desaparecidas. Mais informações disponíveis em: <https://www.cverdad.org.pe/ifinal/>. Acesso em: ago. 2024.

⁹ “Entre tantos projetos desse tipo estão o *Teatro Mujer* e *Talleres de Autoestima*, encabeçados pelas atrizes de Yuyachkani, que envolveram mulheres em experimentos cênicos na contramão das imposições patriarcais”. (Marko, 2023, p. 207)

¹⁰ Em 1992, o grupo Cultural Yuyachkani criou um espaço artístico independente para experimentação teatral e encontro interdisciplinar de diferentes artes, chamado Centro de Experimentación Escénicas (CEXES), no qual atrizes e atores criadores poderiam abrir linhas de investigação temáticas a partir do interesse de jovens em diálogo com a realidade nacional e criar novos projetos. Desde o início de suas atividades, o CEXES ocupa espaços abertos, urbanos, ruas com intervenções artísticas e artistas.



trabalhar no CEXES buscando fazer parte de campanhas dirigidas aos setores populares, em especial em diálogo com espectadores jovens e mulheres. Para tanto, desenvolvemos uma estética que incorpora a simultaneidade das ações, a música executada ao vivo, o uso de objetos cênicos, indumentária e atuação para espaços abertos.

O primeiro trabalho de rua de ativismo que dirigi foi *Olvidarte Nunca*, de 1994, junto com a Asociación Pro-Derechos Humanos (APRODEH). Essa primeira intervenção que fizemos na Plaza de San Marco Capac e Plaza San Martín (Lima, Peru), denunciava o sequestro e o assassinato de nove estudantes universitários da Cantuta¹¹, em 1992, na época do Conflito Armado. Assim, a ideia do ativismo nasceu como uma forma de combinar arte e questões políticas, para denunciar as violações dos direitos humanos, a impunidade e a luta pela justiça. Tomamos às ruas - que estavam proibidas - numa época de ditadura militar de Fujimori¹². A partir dessa primeira ação, formamos uma equipe de jovens para dar continuidade a outros trabalhos, como *Halcón de Oro Q'oriwaman* (1995) que denunciava o abuso das forças armadas.

O início dos trabalhos com o tema “mulher”, acontece quando dirigi *Andamios, violencia sexual, derechos civiles y ciudadanos* (1995), em colaboração com a organização feminista DEMUS - Defensa de la Mujer. Juntas levamos uma campanha de prevenção e erradicação da violência contra as mulheres e meninas para diversas escolas e universidades de Lima e região, entre os anos de 1995 e 2000. Esta ação foi apresentada para cerca de 50 mil estudantes e, também, disponibilizamos um canal por telefone para denúncias de violências domésticas e sexuais. Até este momento, eu chamo esse trabalho de ações cênicas e não de

¹¹ Conta-nos Ana Correa que o massacre de La Cantuta, como chamavam Universidade Nacional de Educação Enrique Guzmán y Valle (conhecida como La Cantuta devido ao nome da área onde se encontra) onde estudavam as vítimas, ocorreu em Lima, em 18 de julho de 1992, quando um professor universitário e nove estudantes foram sequestrados e desaparecidos pelo grupo paramilitar Colina, integrado por agentes do Serviço de Inteligência do Exército (SIE) e liderado pelo Major Santiago Martín Rivas. O objetivo da operação era prender os suspeitos de terem participado do ataque de Tarata, explosão de um carro durante a campanha de Alberto Fujimori pelo grupo Sendero Luminoso.

¹² Alberto Ken'ya Fujimori (1938) foi presidente do Peru entre 1990 e 2000. Seu governo foi ditatorial, autoritário e violento. Em 1992, realizou um autogolpe que levou ao fechamento do Congresso peruano, e foi sucedido por inúmeras violações dos direitos humanos perpetradas por agentes do Estado na luta anti-Senderista, seguidos por escândalos de corrupção que marcaram o fim do seu governo. Foi julgado e condenado a 25 anos de prisão por diversos crimes contra os direitos humanos. Fujimori deixou a prisão de segurança máxima de Barbadillo, nos arredores de Lima, em 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-fujimori-alberto>. Acesso em: jul. 2024.



ativismo, ações com um conceito de narração, como uma maneira de trabalhar o corpo a partir do tema mulher, para espaços públicos ou não-convencionais.

Em 2004, junto com o Centro de la Mujer Peruana Flora Tristan e a Coordenadora Nacional de Derechos Humanos, dirigi outro trabalho com os jovens do CEXES a ação cênica *No es No*, criada para a campanha Nacional de Prevenção da Violência Familiar. No mesmo ano, dirigi outra ação, *Nunca más contra Ninguna Mujer*, no ensejo do Dia Internacional das Mulheres, no qual denunciemos o corpo da mulher como um campo de batalha durante o Conflito Armado do Peru.

E seguimos fazendo outras tantas ações durante marchas e atos pelos direitos humanos e das mulheres, junto às organizações e coletivos feministas. Aqui eu ainda estava ligada à ideia de teatralidade das ações, com uma dramaturgia narrativa. Eu fui aprendendo que para a rua eu precisava de um corpo coletivo, mas ainda eram obras teatrais. A partir de campanhas com organizações feministas, encontrei uma maneira de poder me expressar e estreitar a luta pelas pautas das mulheres, mas ainda muito próximo ao que seria um teatro para espaços públicos.

Isso ocorreu até quando Debora (Correa) e eu criamos a ação *Kay Puncu* (2007)¹³ também em parceria com a organização feminista DEMUS - Defensa de la Mujer, sobre as mulheres que foram estupradas pelos militares durante os anos do Conflito Armado peruano (1980-2000) nas comunidades de Manta e Vilca¹⁴ (região sul do Peru). A maioria das mulheres não falava e nem denunciava as violações. Chamamos este trabalho de *acción documentada* e aqui entramos na performance. Reunimos depoimentos de mulheres sobre os estupros, as violências e mortes cometidas pelos militares durante os 14 anos em que estiveram nessa comunidade. E apresentamos em frente ao Palácio de Justiça (Lima) durante as sessões de julgamento desses militares.

Na continuidade, em 2015, começamos a trabalhar com *Talleres de Sanación Hampiq Warmi* (mulheres curandeiras), ou seja, oficinas de cura dirigidas a

¹³ Mais informações sobre esta ação, no artigo: C. F. Diaz Astre. Pensando Kay Puncu desde su agencia. *Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 195-209, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/58085/31544>. Acesso em: jul. 2024.

¹⁴ Sobre o caso, disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/articles/c133dk426eno>. Acesso em: jul. 2024.

mulheres vítimas de violência familiar e sexual. Somamos a outras artistas ativistas de Cusco e criamos o *Warmikuna Raymi*, encontro de *Teatro-Mujer-Sanación*.¹⁵ A oficina está destinada a nos fortalecermos e, também, para olhar para esse lado de consolo e acolhimento às mulheres. E nos reconhecemos como divinas e humanas. Divinas, como faziam as culturas ancestrais, pela relação cíclica com o cosmos. Somos cíclicas por gerarmos filhos num ciclo exatamente de 9 meses. A cada 28 dias menstruamos. E todos o cosmos é cíclico, toda a natureza é circular e cíclica. Se somos circulares, podemos interromper o ciclo de dor. Essa ação também é um cíclico, de corpos juntos, nos movendo e fazendo o mesmo movimento.

Figuras 2 - *Warmikunapaq, Todas Somos María Parado Jayo* (2024), no Encuentro Latinoamericano de Mujeres Creadoras¹⁶



¹⁵ *Warmikuna Raymi* é um encontro de mulheres das Artes Cênicas criado em 2012 na cidade de Cusco, Peru, para promover um espaço de convivência e troca de conhecimentos e experiências de desigualdade e violência contra as mulheres. Buscam a transmissão da sabedoria feminina, dando continuidade e fortalecendo os círculos ancestrais e contemporâneos onde as mulheres compartilham espiritualidade, feminilidade, energia e sonhos. Buscam, também, tornar visíveis criações e reflexões do mundo das mulheres, por meio de seus projetos performáticos, bem como de espaços pedagógicos de artistas e criadores da América Latina. A equipe fundadora e gestora é formada por Ana Correa, Tania Castro, Marisol Zumaeta, Cucha del Águila e Débora Correa. Disponível em: warmikunarayami.wordpress.com. Acesso em: jul. 2024.

¹⁶ Fonte da Figura 2 e 3 - Pierre Raimbault. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=10000990098932&mibextid=ZbWKwL>. Acesso em: jul. 2024

Figuras 3 - *Warmikunapaq, Todas Somos María Parado Jayo* (2024), no Encuentro Latinoamericano de Mujeres Creadoras



Outro exemplo foi *La Caravana de las flores asesinadas* (2017), uma das ações de *Warmikuna Raymi* que trouxemos para Lima, na qual as performers ocupavam a cidade e levavam bordados em seus panos que lhe cobriam a boca os nomes das mulheres assassinadas ou que tiveram suas vidas destruídas pela violência militar de Manta y Vilca. Fizemos essa ação por dois anos.

Figura 4 - Ana Correa e *Warmikuna Raymi*, em *Caravana de las flores asesinadas*. Dia internacional de eliminação da violência contra as mulheres, Lima/Peru, 2017¹⁷



¹⁷ Fonte: <https://warmikunaraymi.wordpress.com/acciones/>. Acesso em jul. 2024



Kay Puncu e *Warmikuna Raimi* abrem esse momento de ativismo feministas nas ruas, que durante o período da Covid-19 ganhou mais parceiras, táticas e expressão e permanece crescendo até hoje. Com essas práticas artivistas nas ruas, criamos novas estratégias de ação, a qual passamos a nos conectar e organizar por WhatsApp, por exemplo. Depois, nos encontrávamos na rua, eu levava as saias e mulheres de vários lugares iam chegando para aderir à ação. Desta forma, saímos da sala teatral, dos encontros de mulheres de teatro para levar as ações cênicas às ruas, em diálogo com as organizações feministas em grandes ações. E, assim, passamos a fazer performance.

A *acción documentada Kay Puncu* nos deu a possibilidade de abrir a *Warmikuna Raimi* que é realizado em Cusco, e é muito forte e importante porque o ato de consolar as mulheres é importante para nós todas. A personalidade Mikaela Bastilla¹⁸ foi indispensável, continuamos a aprender sobre ela e toda a sua fortaleza. Ir à cidade de Cusco, no local onde a mataram para consolá-la, significa consolar e dar visibilidade e nomear às mulheres de sua linhagem que morreram de maneira tão cruel. Escrevíamos seus nomes em nossos corpos. Continuamos a fazer esta ação que é constantemente atualizada. Por exemplo, jovens meninas passaram a escrever em seus braços e corpos o nome das mulheres mortas por feminicídio durante a pandemia. Então, essa ação, que tinha uma perspectiva de reivindicação das mulheres da história, de repente se atualiza e em nossos corpos são escritos os nomes das mulheres recentemente morreram de feminicídio durante a Covid-19.

Lúcia - Em relação a essa atualização das ações artivistas, você poderia nos falar sobre o processo de criação de estratégias e táticas, o que as mobiliza e como trabalham as ações considerando as novas mídias e redes sociais?

Por exemplo, em 2020, criamos *Marea Roja* que nasceu do encontro de três coletivos de mulheres, *Warmikuna Raymi*, Yuyachkani e coletivo *Collerared*¹⁹. No

¹⁸ Líder revolucionária peruana da grande Revolta Inca de 1780-1783. Devido a história de machismo estrutural e de invisibilização das mulheres, é mais conhecida por ter sido casada com Túpac Amaráu II do que por suas ações.

¹⁹ Colectiva de criadoras, produtoras e gestoras de arte e cultura feminista para a transformação social no Peru. Mais informações, disponível em: <https://www.collerared.com/> acesso: ago. 2024.



dia 9 de novembro, houve um golpe de Estado pelo Congresso no qual nomeiam o presidente Manuel Merino, ato amplamente rejeitado pela população em protestos por todo o Peru.²⁰ Nós do *Warmikuna Raimi* chamamos atrizes, bailarinas e performers artistas para que fossemos à Praça San Martín nos protestos. Eu levei saias vermelhas e pedi para que vestissem blusas brancas - porque branco e vermelho é a bandeira peruana. Fizemos uma grande ação e as fotos desse dia viralizaram nas redes sociais. Em seguida, outras ativistas entraram em contato querendo se unir a nós. No dia 14 do mesmo mês, nos juntamos e já éramos 40 mulheres. E saímos às ruas. Enquanto estratégia para não sermos massacradas pela polícia, realizamos as ações na concentração do ato. Lembro que nesse dia, mataram dois jovens manifestantes. E após esses assassinatos, criamos um grupo no WhatsApp, no qual participam em torno de 140 mulheres: feministas, mulheres das batucadas, performers, atrizes, bailarinas de danças modernas e tradicionais. Nossa estratégia de organização passou a funcionar da seguinte maneira: as mulheres se inscrevem nesse grupo, e por segurança, passamos seus nomes para outro grupo de WhatsApp. Preparamos a ação, combinamos com companheiras advogadas para nos organizarmos em relação a segurança, definimos quem vai registrar em fotos e vídeos, pois faz parte da estratégia transmitir ao vivo pelas redes sociais e, assim, fazemos a ação. Sempre chegamos a um ponto perto do local, nos preparamos, ensaiamos e vamos para o meio do povo.

Não somos um grupo que nos juntamos sempre, somos um grupo que se reúne para determinada ação. Hoje há uma comissão de 22 pessoas que coordenam as ações. Nos autoconvocamos e nos autofinanciamos. Ou seja, quando aparece uma ação para fazer, as 140 pessoas participantes do grupo começam a ajudar com dinheiro, 1 ou 2 *soles* para os taxis que levam as saias, para pagar as musicistas que tocam nas ações. Além de música, temos uma comissão da dramaturgia porque para cada ação se cria uma dramaturgia com um tema. Somos uma coletiva e não temos uma sede. Tudo é descentralizado para evitar repressão. Participamos em marchas e atos. Trabalhamos com um tempo ritual, a ação tem rito, tem denúncia, tem celebração e dança.

²⁰ Após o impeachment do presidente Martín Vizcarra que foi substituído por Manuel Merino, então presidente do Congresso, manifestantes saíram às ruas denunciando o episódio como golpe à democracia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54946839>. Acesso em: jul. 2024.

Figura 5 - Marea Roja. Marcha Nacional contra la Destrucción de la Democracia. Lima: frontis del Palacio de Justicia. 21 julho, 2024. Fonte: Ana Correa



A partir de 2020, iniciamos a fazer essas grandes ações nas ruas. E a ideia não era fazer intervenções artísticas apenas em Lima, mas em outros lugares periféricos com outras mulheres e coletivas. Por exemplo, agora no próximo dia 9 de dezembro de 2024, será comemorado 200 anos da Batalha de Ayacucho²¹, onde se juntaram exércitos de 8 países da América Latina para terminar com a colônia e com o colonialismo. Teve uma mulher, Manuela Sáenz, que foi uma ativista e amante de Bolívar, e por ser sua amante, foi ignorada pela história do Peru. Estamos organizando um encontro que se chama *Todas somos Manuela Sáenz*. Ganhamos o edital Iberescena²² e juntamos a coletiva de Ayacucho, *Warmikuna Raimi* e Yuyachkani e nesse encontro vamos trazer uma atriz de cada um desses países para representá-los. Vem uma atriz da Argentina, Chile, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Panamá e Peru. Será a primeira e única vez que se junta a

²¹ A Batalha de Ayacucho foi um violento enfrentamento armado durante as campanhas de independência hispano-americanas e significou o fim definitivo dos vice-reinados na América espanhola. A batalha aconteceu no Pampa de la Quinua, em Ayacucho, no Peru, em 9 de dezembro de 1824. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/peru-relatos-do-massacre-de-ayacucho/>. Acesso em: jul. 2024.

²² Fundo de ajuda e financiamento para as Artes Cênicas Iberoamericanas. Disponível em: <http://www.iberescena.org/>. Acesso em: jul. 2024.



América Latina. Nós, mulheres artistas e ativistas, neste evento vamos comemorar e dar visibilidade à Manuela Sáenz, às mulheres afros e indígenas que lutaram na batalha e que não foram reconhecidas, mas silenciadas. Vamos declarar a morte ao patriarcado colonial. Vamos fazer uma reunião com 200 mulheres pelos 200 anos da Batalha de Ayacucho.

O movimento das mulheres é a única mobilização que tem se manifestado contra as ditaduras que temos neste momento. Não acreditamos em partidos políticos porque o machismo e o patriarcado estão expressos, também, nos partidos já que não põe à frente a luta pelos direitos das mulheres. Assim, nosso movimento não deve ser partidário. O feminismo tem um objetivo e a nossa luta é melhorar a humanidade, não é para ir contra os homens. Quem disse isso? Foi em 1923, Maria Jesus Alvarado²³ que disse que a luta das mulheres é uma luta pela humanidade. Ela estava falando do triunfo do feminino não é o triunfo das mulheres, mas da humanidade. A luta por recuperar a memória histórica das mulheres que lutaram umas pelas outras. Porque um acordo tácito do patriarcado é nos invisibilizar e nos matar. Mulheres aimaras e quéchuas estão em levante após 200 anos.

Stela: Para entender, nestas ações feministas que vocês se reúnem com outras coletivas, não somente de Lima, mas de outras cidades andinas do Peru, existe um levante para as pautas das mulheres indígenas e/ou quéchuas contra a violência de gênero nestas comunidades?

Eu não sou uma ativista apenas para mobilizar as mulheres indígenas, não. Eu sou uma artista. A minha maneira de apoiar a luta das mulheres é sempre pela arte. Sempre! Isso eu tenho absolutamente vivo. Te contei sobre a tomada de Lima porque esse governo ordenou matanças - mais de 53 mortos nas regiões e não há nenhum culpado e nenhuma investigação. Uma inspiração foi uma imagem, em 2023, uma pintura de uma *chola* campesina que ao invés de rosto, tinha uma cabeça de pássaro. Sua cabeça era a de um pássaro. Então, quando nós vimos

²³ María Jesús Alvarado Rivera nasceu em 27 de maio de 1878 em Chíncha Alta, Peru. Foi educadora, jornalista, escritora e ativista social. Ela é considerada a primeira mulher feminista do Peru. Ela era uma jovem professora e socióloga autodidata quando iniciou a luta pela reivindicação dos direitos das mulheres peruanas na segunda década deste século. A sua luta não foi apenas pelas mulheres, mas também atingiu crianças, trabalhadores e povos indígenas. Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/noticia/fallece-maria-jesus-alvarado-rivera-educadora-periodista-escritora-y-luchadora-social>. Acesso em: jul. 2024.

isso, ficamos impactadas. No Yuyachkani temos muitas máscaras de cabeça de pássaros. Vestimos nossos figurinos de nossas peças andinas anteriores e saímos para uma mobilização com cabeças de pássaros. E essa ação se repetiu. No ato político seguinte, eu me vesti e saí com a cabeça de um beija-flor. Miguel [Rúbio] foi a essa marcha e registrou com fotos. A polícia não sabia o que fazer com essa intervenção. Eu estava dançando com uma cabeça de pássaro em frente a toda a tropa da polícia e eles não sabiam o que fazer. Porque era belo e poético. Mas como eu estava na mobilização, eles não sabiam se deveria ou não reprimir. E não reprimiram.

A partir dessa ação, temos feito muitas *Mujeres Pájaros*, como nomeamos essa intervenção. Temos feito “mulheres pássaros” segurando bandeiras, porque uma das agressões às mulheres indígenas feita em Lima, é proibi-las de levar a bandeira de Peru. E elas são parte desse país, elas são cidadãs. Houve um caso de uma campesina que os policiais lhe arrancaram a bandeira que levava em mãos, a arrastaram pelo chão e a prenderam apenas por levar a bandeira do Peru.

Figuras 6 – *Mujeres Pájaros*. Marcha por justicia y sancion a los responsables de los asesinatos en las regiones andinas del Sur Oriente de Peru. Bloque de la Red Nacional de Trabajadores de las Artes y las Culturas. Campo de Marte, Lima, 31 de janeiro de 2023 - Fonte: Miguel Rubio.



Figuras 7 – *Mujeres Pájaros*. Marcha por justiça y sancion a los responsables de los asesinatos e andinas del Sur Oriente de Peru. Bloque de la Red Nacional de Trabajadores de las Artes y las Culturas, Lima, 31 de janeiro de 2023 - Fonte: Miguel Rubio.



Eu vou às marchas de forma artística, desde minha condição de atriz ativista para dizer “estou com vocês”. Não vou apenas com cartazes e punho erguido, mas penso poeticamente a minha ação. A maneira de fazer ativismo pelas mulheres do Yuyachkani é apoiar a luta das mulheres e de outros coletivos sempre através das artes. Essa é a ideia.

Lúcia: Então esse lugar é o do ativismo, a arte com o ativismo. Vejo que todas as performances que você nos apresentou no seu relato possuem várias formas de ativismos: realizam denúncia, criam modos de organização de forma coletiva, compartilham a dor, buscam o autocuidado e a cura. Considerando essas várias formas de fazer, quais os tipos de ativismos você considera mais potente trabalhar hoje, na contemporaneidade, enquanto mulher e com mulheres?

Eu tenho 70 anos. O tempo que tenho daqui para frente vou usar para a luta contra o patriarcado colonial. Vou usar todas as minhas ferramentas, todas as



minhas armas artísticas para me mobilizar no teatro, no espaço não convencional, na rua, nas mobilizações e em todo lugar onde eu possa. E não somente em Lima, mas também no interior do Peru. Eu tenho absoluta certeza do que vou fazer, todo meu esforço vai para incentivar a coragem e fortalecimento das mulheres. Não quero partir desse mundo sem deixar evidente a todas as mulheres que trabalham comigo ou as que estão atuando nas ações que fazemos, que não vou usar meu esforço às causas que não sejam essas. Existem várias formas de fazer ativismos e vamos abrindo cada vez mais campos. Por exemplo, tem uma ativista peruana pelos direitos das mulheres, mestre em Antropologia Visual, Karen Bernedo²⁴, que está fazendo instalações a partir de histórias das mulheres do Peru que viveram no século passado. Ela tem feito ações com *carátulas* de mulheres a partir de recortes de jornais e revistas, e as chama de “impostoras”, como: a primeira aviadora, a mulher que lutou na guerra contra o Chile, a primeira jogadora de vôlei, a primeira mulher que se formou na universidade, a primeira médica, a primeira mulher que conseguiu se divorciar, cria esses cartazes e expõe. Porque nós mulheres fomos invisibilizadas da história. Porque o patriarcado tem o acordo tácito de nos invisibilizar. E essa artista com o seu trabalho da antropologia visual visibiliza a história das mulheres.

Eu acredito que o caminho da arte, ou seja, do ativismo é indispensável agora, é indispensável na rua porque as mulheres têm se mobilizado. Outro exemplo é a “Canción sin miedo”, de Vivi Quintana²⁵, um hino indispensável contra o patriarcado. Centenas de mulheres cantando e dançando. Por quê? Porque a rua permite que estejamos juntas para fazer a mobilização. Eu acredito que estamos atuando em diferentes níveis. É tão importante a mobilização e a transmissão através das redes, porque a cada ação de uma mulher que chega a outra é uma oportunidade de tomada de consciência de seu gênero e luta. E assim, começamos a nos curar. O nosso gênero está doente porque o sistema patriarcal

²⁴ Karen Paola Bernedo Morales é comunicadora peruana, antropóloga visual, ativista de direitos humanos, pesquisadora e documentarista social radicada em Lima. É cofundadora do projeto coletivo de museografia alternativa Museo Itinerante Arte por la Memoria. É professora da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade Científica do Sul e colunista do meio digital Sudaca.pe. Disponível em: <https://peru21.pe/cultura/necesario-museo-mujer-peruana-fotos-403020-noticia/>. Acesso em: jul.2024.

²⁵ Música utilizada em manifestações e protestos feministas no Peru e em toda a América Latina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLLyzqkH6cs>. Acesso em: jul. 2024.



nos tem adoecido. Nos coletivos, ao nos “autoconvocarmos” e “autofinanciarmos”, estamos exercitando novas maneiras de organização que não seja replicar o formato patriarcal, machista, hierárquico que a colônia nos impôs, o patriarcado, esse sistema que está instalado no planeta. Pra mim é importante o ativismo e o artivismo para que cada vez mais mulheres se somem e passem a se expressar nas ruas. Nesse trabalho que estamos fazendo, que nasceu do teatro, que sai do teatro, que vai para a rua, retorna ao teatro de outras formas, pois se transforma. Se você ver o espetáculo *Discurso de Promoción* (2017), por exemplo, o Yuyachkani se alimentou da rua e da luta das mulheres. Porque estão nos matando! Continuam nos matando!

(Ana termina em silêncio)

Referências

DIÉGUEZ, Ileana. Performatividades de la búsqueda: la imaginación resistente desde las mujeres que buscan a sus familiares desaparecidos. In: FERNANDES, Sílvia; DA COSTA, José. *Políticas da cena contemporânea: comunidades e contextos*. São Paulo: Hucitec, 2023.

MARKO, Ana Julia. Actores Testigos contra memórias insuficientes: poéticas do testemunho no grupo cultural Yuyachkani (Peru). In: FERNANDES, Sílvia; DA COSTA, José. *Políticas da cena contemporânea: comunidades e contextos*. São Paulo: Hucitec, 2023.

MARTINS, Lúcia Helena. *O artivismo da proximidade: implicações pedagógicas em práticas de performances artivistas*. 2022. Tese (Doutorado em Teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00009b/00009b9c.pdf> Acesso em: dez. 2023.

FISCHER, Stela. *Mulheres, performances e ativismos feministas na cena latino-americana*. São Paulo: Hucitec, 2023.

Recebido em: 04/08/2024

Aprovado em: 16/08/2024